

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
BEATRIZ RODRIGUES DO LAGO DE MORAES

Sentenças existenciais com *ter* e *haver*: um panorama sobre a fala no português do Brasil

RIO DE JANEIRO

2024

Beatriz Rodrigues do Lago de Moraes

Sentenças existenciais com *ter* e *haver*: um panorama sobre a fala no português do Brasil

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras: Português - Latim.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Esposito Marins

Rio de Janeiro

2024

Beatriz Rodrigues do Lago de Moraes

Sentenças existenciais com *ter* e *haver*: um panorama sobre a fala no português do Brasil

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras: Português - Latim.

Aprovada em:

Professora Doutora Juliana Esposito Marins na instituição de ensino UFRJ - Orientadora

Professora Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante na instituição de ensino UFRJ - Leitora Crítica

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise bibliográfica comparativa entre diferentes trabalhos que se debruçaram sobre as sentenças existenciais com *ter* e *haver* em diferentes variedades do português brasileiro (PB), com vistas a traçar um panorama do que se tem observado sobre a substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro, fenômeno amplamente estudado no PB, em contraste do que se tem no português europeu (PE), sistema no qual *haver* é o verbo existencial prototípico. Nossa hipótese de trabalho é a de que o avanço de *ter* em contextos existenciais independe de fatores relacionados a questões diatópicas, já que parece se tratar de um fenômeno sistêmico e que, portanto, atinge o PB com um todo. Este estudo promoveu um levantamento bibliográfico de trabalhos de cunho variacionista, em estados do sudeste e nordeste, selecionados a partir da sua proximidade metodológica. A busca foi feita através de palavras-chave no Google Scholar e realizada uma avaliação qualitativa da publicação em que os trabalhos figuram. Os resultados apresentados nos trabalhos considerados nesta pesquisa, foram comparados com os de Callou e Avelar (2000) para a variedade culta carioca do PB, em duas décadas distintas. Os resultados tendem a confirmar aqueles verificados para a variedade culta carioca, em que se observa a prototipicidade de *ter* na representação da existência.

Palavras-chave: *ter* e *haver*; sentenças existenciais; variação linguística.

Abstract

The aim of the present work is to do a comparative bibliographical analyzes between different works that lean over the existential sentences *ter* and *haver* in different varieties of the Brazilian Portuguese (BP), and with the intention to trace a scenery about what has been observed regarding the replacement of *haver* for *ter* in the Brazilian Portuguese, a largely studied phenomenon in BP, in contrast with European Portuguese (EP), a system in which *haver* is the prototypical existential verb. Our work hypothesis is that the advance of *ter* in existential contexts doesn't depend on geographical elements, since it seems to be a systemic phenomenon and, thus, affects the whole of the BP. This study accomplished a bibliographical survey of variationist works, in southeast and northeast states of the country, chosen based on their methodological proximity. The research was carried out using keywords in Google Scholar and a qualitative assessment of the publications in which the papers appeared was made. The results presented in the works considered in this research were compared with the works of Callou and Avelar (2000) to the cultured variety of Rio de Janeiro's BP in two different decades. The results are inclined to confirm those verified for the cultured variety of Rio de Janeiro's BP, in which the prototypicality of *ter* in the representation of existence is observed.

Keywords: *ter e haver*; existential sentences; linguistic variation.

Dedico esse trabalho aos meus pais, e a minha tia-avó Jurema que acendeu a fagulha que hoje é o meu amor pela língua portuguesa, espero me tornar pelo menos um terço da profissional que você foi.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais que tornaram isso possível. Obrigada por me apoiar durante essa longa jornada cheia de altos e baixos e por nunca me deixarem desistir.

Minha mãe, meu maior exemplo, incentivadora e a pessoa mais insistente que já conheci, foi por essa obstinação que consegui chegar até aqui, obrigada por ficar do meu lado enquanto eu tentava explicar a minha pesquisa só para organizar as ideias.

Ao meu pai, Paulo Roberto que sempre me incentivou a ser professora me dando inúmeras oportunidades de lecionar, grande parte do “ser professor” que eu sei, aprendi com você.

Ao meu irmão, Tadeu Moraes, que me mostrou que não importa o que eu queira fazer o importante é fazer bem feito, não desistir e ser feliz.

Obrigada a minha tia e madrinha, Maria das Graças, por todo amparo durante esses anos e pelas longas conversas e conselhos.

Aos meus amigos, que não aguentavam mais me ver procrastinando a entrega deste trabalho. Que me apoiaram, cada um do seu jeitinho, a terminar. Agradeço a vocês: Alena Prado, Fernanda Costa, Matteus Assis, Flávia Clemente, Gabriel Araujo, Leonardo Adão, Anna Beatrice Chaim, Telma Yamabe, Polliana Giorgi, Thais Campinho, Carolina Wang e um agradecimento especial a Camila Monteiro. Com vocês do meu lado não sou capaz de esquecer o meu potencial, nem desistir de mim mesma.

Aos meus companheiros de turma, Rhenan Carlos, Camilla Wippel, Amanda Alves e Mariana Marinho, obrigada por tornar a jornada bem mais divertida preenchendo as aulas com risos e alegria.

Obrigada Tábata Rabello, minha chefe na Papel Craft, pela compreensão e paciência nesse período final de tensão e cobrança. Agradeço também à equipe, por todo apoio moral e conselhos nesse momento de muita ansiedade e pressão.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, por todos esses anos de aprendizado e crescimento profissional e pessoal, posso afirmar que encerro esse capítulo como uma versão melhorada de mim mesma.

E finalmente, à professora Juliana Marins, a melhor professora da UFRJ, obrigada por não desistir de mim. Tive muita sorte em ser sua aluna logo no primeiro semestre de Variação, espero que saiba a diferença que fez e ainda faz na minha vida, foi uma honra.

SUMÁRIO:

1. Introdução.....	9
2. A substituição de <i>haver</i> por <i>ter</i> na fala carioca: o trabalho de Callou e Avelar (2000)	10
3. Procedimentos Metodológicos	
3.1 A seleção dos artigos.....	12
3.2 O método de comparação entre resultados.....	13
4. As sentenças existenciais com <i>haver</i> e <i>ter</i> em outros falares do PB	
4.1 A região sudeste para além do Rio de Janeiro	
4.1.1 São Paulo.....	14
4.1.2 Minas Gerais.....	16
4.2 A região nordeste	
4.2.1 Fortaleza.....	20
4.2.2 Maceió.....	22
4.2.3 Sergipe.....	24
5. Análise dos resultados	27
6. Considerações finais	28
7. Referências.....	29

1. Introdução

Durante muito tempo, vem se observando a discussão de diversos autores sobre a mudança das construções existenciais no português brasileiro. Vários estudos apresentam a troca entre os verbos *haver* e *ter*, e apontam para uma mudança linguística, com um aumento percentual da variante inovadora, o *ter* existencial.

Este trabalho tem como objetivo comparar os resultados de diferentes trabalhos de diferentes regiões do Brasil, a fim de mostrar como tal fenômeno se comporta diatopicamente, tendo em vista que as análises que têm servido como referência para os estudos nesse âmbito dão conta de observar o comportamento da variante carioca do PB.

Em princípio, buscou-se por trabalhos que analisassem a fala espontânea das cinco regiões brasileiras, mas nos deparamos com muitas lacunas, não tendo sido possível encontrar nenhum trabalho de cunho variacionista sobre os falares das regiões norte, centro-oeste e sul. Diante do levantamento da bibliografia, decidiu-se restringir o escopo do trabalho às regiões sudeste, com trabalhos de São Paulo, Minas Gerais e nordeste, representado por Alagoas, Ceará e Sergipe.

Para São Paulo, o trabalho selecionado foi de Oliveira (2014), que utiliza o banco de dados IBORUNA, desenvolvido pelo projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), para observar o fenômeno na fala de São José do Rio Preto e, testar a hipótese de que a variante *ter* está consolidada na fala.

A partir da bibliografia, investigamos a hipótese de que a substituição de *haver* por *ter*, no sentido existencial, acontece no português brasileiro como um todo, caminhando para ser uma mudança solidificada e que independe da variante diatópica, ou seja, da região geográfica em que se localiza a comunidade de fala

Além desta Introdução, o trabalho será dividido em quatro seções: na primeira seção, analisamos o trabalho desbravador de Callou e Avelar (2000), que observa a mudança nas construções existenciais com os verbos *haver* e *ter* nas décadas de 70 e 90 na cidade do Rio de Janeiro; a segunda apresenta, em linhas gerais, os procedimentos metodológicos que orientaram a escolha dos trabalhos analisados neste trabalho; na terceira, apresentamos os trabalhos das outras regiões brasileiras já citadas; e, por fim, na quarta, comparamos os resultados, buscando testar a hipótese que orienta o presente trabalho. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. A substituição de *haver* por *ter* na fala carioca: o trabalho de Callou e Avelar (2000)

O trabalho que serve de base para a investigação empreendida nesta Monografia é o de Callou e Avelar (2000). Os autores estudam o comportamento do *ter* e *haver* na fala culta carioca. Os autores selecionaram o *corpus* do projeto NURC/RJ, com inquéritos realizados nas décadas de 70 e 90, com vinte e um inquéritos por década. Foram levantadas 1528 construções existenciais, sendo 845 na década de 70 e 683 na década de 90. Os exemplos em (1) ilustram esse fenômeno:

- (1) a. [...] tem uma partezinha assim pra você botar os pés. [70 - 088]
b. [...] a coisa bonita que eu vi é quando havia a enchente do Pantanal. [90 - 140]

Os resultados coletados pelos autores mostram que a mudança ainda não está consolidada com um percentual de 69% para o verbo *ter* e 31% para o verbo *haver*. Já comparando os resultados por década, há um aumento no percentual da variante *ter* que saltou de 63% na década de 70 para 76% na década de 90.

Tabela 1: Variação do *ter* e *haver* na fala culta carioca

	Década de 70	Década de 90
<i>Ter</i>	63%	76%
<i>Haver</i>	37%	24%

Os fatores intralinguísticos que se mostraram relevantes segundo os autores foram o *tempo verbal* e a *especificidade semântica do argumento interno*. Já os extralinguísticos foram a *faixa etária* e *gênero do informante*.

Para o fator *tempo verbal*, os autores observaram que a maior parte das ocorrências (94%) ficaram restritas aos tempos presente e pretérito: tanto perfeito quanto imperfeito do indicativo. Diferentemente das construções do presente, que favorecem as construções com o verbo *ter* (70% para a década de 70 e 88% para a década de 90), as construções no passado favorecem o verbo *haver*, chegando a 90% no pretérito perfeito na década de 70 e diminuindo para 65% na década de 90, mostrando um aumento no uso do *ter*, como podemos acompanhar na tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Variação de *ter* e *haver* por tempo verbal na fala culta carioca

	Década de 70		Década de 90	
	<i>Ter</i>	<i>Haver</i>	<i>Ter</i>	<i>Haver</i>
Presente	70%	30%	88%	12%
Pretérito perfeito	10%	90%	35%	65%
Pretérito imperfeito	64%	36%	66%	34%
Outros	47%	53%	62%	38%

O fator intralinguístico *especificidade semântica do argumento interno* divide-se em cinco categorias: [+animado], [+inanimado], [+espaço], [+abstrato] e [+evento], como vemos nos exemplos em 2 abaixo:

- (2) a. [...] aqui, no Leblon, **tem** o padre Zeca [90-347]
 b. [...] **tenha** biscoitos na Colombo [90-002]
 c. [...] **tem** bairros sensacionais de Salvador [70 -255]
 d. [...] não **havia** uma censura tão grande, não havia exageros [70-259]
 e. [...] Foi uma fase que **houve** concursos públicos [70-164]

Os resultados para esse grupo de fatores estão ilustrados na tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Variação de *ter* e *haver* pela *especificidade semântica do argumento interno* na fala culta carioca juntando as duas décadas

Argumento interno	<i>Haver</i>	<i>Ter</i>
Inanimado	9%	91%
Animado	17%	83%
Espaço	21%	79%
Evento	41%	59%
Abstrato	50%	50%

Como se pode verificar pela leitura da tabela 3, os traços *inanimado*, *animado* e *espaço* favorecem o uso do verbo *ter*, com 91%, 83% e 79%, respectivamente. Já o verbo *haver* é mais frequente entre os tipos *abstrato* e *evento*, com 50% e 41% respectivamente, os autores observam que isso ocorre pois, para a expressão de fenômenos e eventos, o verbo *haver* tem um sentido mais factual do que existencial e por isso não se ajusta com a forma *ter*. No caso da especificidade *abstrato*, os autores observam que o verbo *haver* se encaixa como casos verbos-suporte, que não possui referencialidade.

Para os fatores extralinguísticos, quanto à faixa etária, os resultados mostram que o uso da forma verbal *ter* aumenta da década de 70 para a década de 90 em todas as faixas etárias. Na faixa 1 (de 25 a 35 anos), o uso do *ter* aumenta de 69% para 98% na década de 90. Já nas outras faixas etárias, o aumento ocorre, mas não é muito significativo: na faixa 2 (de 36 a 55 anos) de 62% na década de 70 para 72% na década de 90. Para a faixa 3 (56 anos ou mais), o aumento é de 2% de uma década para a outra (de 62% para 70%), como podemos observar na tabela 4 abaixo:

Tabela 4: Frequência do uso do verbo *ter* por *faixa etária* nas décadas de 70 e 90

Faixa etária	Década de 70	Década de 90
Faixa 1 (de 25 a 35 anos)	69%	98%
Faixa 2 (de 36 a 55 anos)	62%	72%
Faixa 3 (56 anos ou mais)	62%	70%

No âmbito da variável de *gênero*, na década de 70, o uso do verbo *ter* pelas mulheres foi de 69% enquanto para homens 47%. Já na década de 90, o percentual do gênero masculino sofreu um aumento para 74%, se aproximando ao resultado do gênero feminino 75%. Os autores ressaltam que esses resultados podem vir a ser explicados em um estudo que abarque outros fatores sociais, como a região de residência do informante e sua profissão.

3. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, vamos descrever em linhas gerais como se deu a seleção dos artigos que compuseram a base comparativa para a análise promovida neste trabalho. Além disso, detalharemos também como foi efetuada a comparação entre os resultados dos diferentes trabalhos, tendo em vista as suas idiossincrasias.

3.1 A seleção dos artigos

Para a realização deste trabalho, selecionamos trabalhos de cunho variacionista que se debruçaram tanto sobre a fala culta, quanto sobre a fala popular, de diferentes regiões do país no tocante à representação da existência em sentenças com os verbos *ter* e *haver*. Alguns trabalhos incluíram o verbo existir, como foi o caso de RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013. Apesar disso, consideramos esse estudo, porque julgamos que a exclusão dos dados de *existir* e o recálculo dos percentuais de *ter* e *haver* apresentariam um certo grau de comparabilidade com os demais estudos.

A seleção foi feita através de busca no site Google Scholar, utilizando as palavras-chave: *ter*, *haver*, *variação*. Com essas palavras-chave, selecionamos trabalhos que além de seguir a temática abordada, eram de cidades e estados diferentes. É importante salientar que, tendo em vista a extensão do presente trabalho, não selecionamos dissertações e teses, uma vez que a análise desse material demandaria um olhar mais detido e cuidadoso. A essa tarefa nos dedicaremos em trabalhos futuros. Tendo em vista que não foram encontrados artigos em todas as regiões brasileiras, faltando estudos de cunho variacionista sobre o sul, o centro-oeste e norte, o estudo ficou restrito às regiões nordeste e sudeste, representados por 3 trabalhos: Fortaleza, Maceió e Sergipe para o nordeste, e Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais para o sudeste.

3.2 O método de comparação entre os resultados

A análise de Callou e Avelar (2000) foi o ponto de partida para observarmos os outros estudos. A partir desse trabalho, estabelecemos pontos fundamentais para a análise. Em primeiro lugar, os índices de *ter* e *haver* nas sentenças existenciais, Como os autores fizeram tanto um estudo em tempo real, observando as décadas de 70 e 90, quanto um estudo em tempo aparente, levando em conta três diferentes faixas etárias, buscamos focalizar, para efeitos de comparação com os demais trabalhos, os resultados sobre a década de 90, por ser a que mais se aproxima do período em que os dados dos demais trabalhos foram produzidos. Além disso, observamos a importância de alguns fatores para o fenômeno de substituição de *haver* por *ter*, e as motivações para tal comportamento. Diante disso, os fatores considerados relevantes para a pesquisa foram o *tempo verbal*, a *escolaridade*, o *gênero* e a *faixa etária*.

4. As sentenças existenciais com *haver* e *ter* em outros falares do PB

4.1 A região sudeste para além do Rio de Janeiro

4.1.1 São Paulo

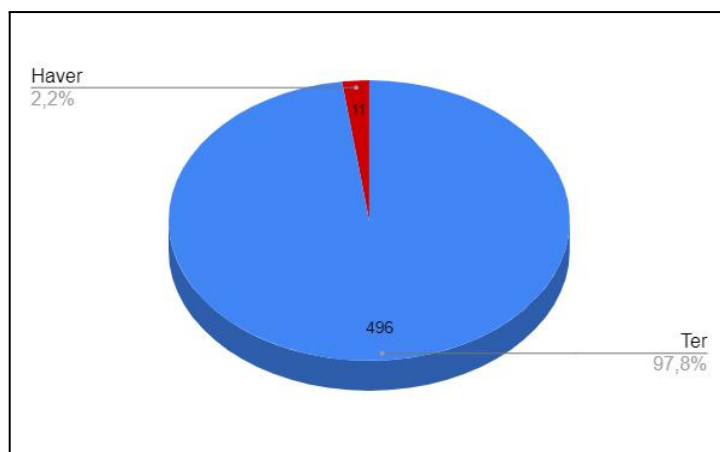
Na pesquisa de Oliveira (2014), observamos a variação entre *ter* e *haver* em construções existenciais, na fala e na escrita de São José do Rio Preto em São Paulo. Vamos considerar somente os resultados da língua falada, já que é o foco deste trabalho.

A pesquisa tem como objetivo verificar a hipótese de que, para sentenças existenciais, há um processo de mudança em andamento e a variável *ter* é a inovadora e a forma *haver*, a conservadora, com menos ocorrência nos dados recolhidos e se tal mudança está consolidada ou não.

O *corpus* utilizado foi desenvolvido pelo projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e foram analisados apenas os grupos de fatores classificados como relevantes pelo programa estatístico Goldvarb.

Os fatores linguísticos observados foram especificidade semântica do argumento interno e tempo verbal. Foram analisados 507 dados de *ter* e *haver* existenciais, dentro dos quais 496 (97,8%) foram de *ter* existencial e somente 11 (2,2%) de *haver* existencial, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Variação dos verbos *ter* e *haver* na fala riopretense



Para o grupo de fator *especificidade semântica do argumento interno*, todos tiveram maior incidência de *ter* existencial. Os fatores *animado + inanimado ou material* e os fatores *espaço + evento* foram amalgamados segundo Oliveira (2014) à vista do surgimento de

knockouts, que é um termo utilizado para designar casos em que ocorreram porcentagem de 100%, o que indica uma frequência categórica de *ter* ou *haver* nesses fatores investigados.

Os dados apresentam 99,6% de ocorrências do *ter* no fator *animado + inanimado ou material*; do grupo *abstrato* 94,2%; e o fator *espaço + evento* 98%, como pode ser observado na tabela 5.

Tabela 5: Variação de *ter* e *Haver* pela especificidade semântica do argumento interno.

<i>Especificidade semântica do argumento interno</i>	<i>Ter</i>		<i>Haver</i>	
	Nº	%	Nº	%
<i>Animado + inanimado ou material</i>	266/267	99,6%	1/267	0,4%
<i>Abstrato</i>	129/137	94,2%	8/137	5,8%
<i>Espaço + Evento</i>	101/103	98%	2/103	2,0%
Total	496/507	97,8%	11/507	2,2%

No grupo de fator *tempo verbal*, podemos observar que os percentuais do verbo *ter* são maiores que os do verbo *haver* para ambos os tempos considerados. Para o tempo presente, a ocorrência de *ter* existencial foi 98,9% e de *haver* 1,1%, já no passado foram 97,3% de ocorrência de *ter* e 2,7% de *haver*. É importante salientar que, diferentemente do que fizeram Callou e Avelar (2000), Oliveira faz uma junção dos tempos correspondentes ao passado, o que não permite tecer qualquer consideração sobre a possibilidade de especialização de *haver* no pretérito perfeito, como verbo prototipicamente narrativo.

Tabela 6: Variação de *ter* e *haver* pelo fator *tempo verbal* na variedade riopretense

Forma Verbal	Passado		Presente		Total:	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Ter</i>	323	97,3%	173	98,9%	496	97,8%
<i>Haver</i>	9	2,7%	2	1,1%	11	2,2%
Total	332	100%	175	100%	507	100%

Em sua pesquisa, a autora consegue confirmar suas hipóteses de mudança no âmbito da fala, no que se refere à substituição de *haver* por *ter*, já mostrando preferência para a variante inovadora.

4.1.2 Minas Gerais

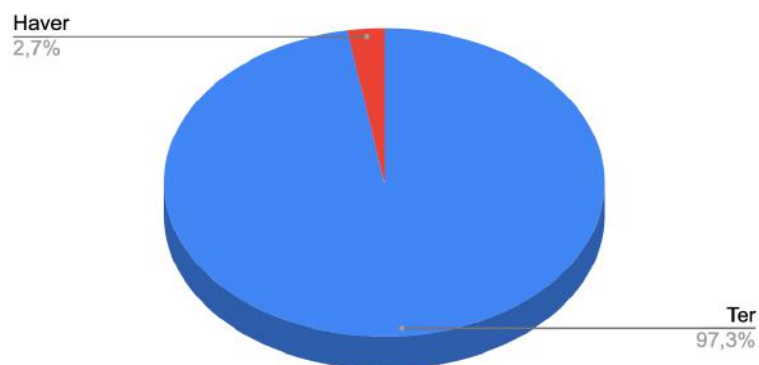
Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) investigam a variação dos verbos *ter* e *haver* existenciais no estado de Minas Gerais, sob uma perspectiva sociovariacionista, para investigar a hipótese de que o uso de *ter* é preponderante ao de *haver*, porém quanto maior a escolarização do falante maior a incidência dos casos do verbo *haver*. Os autores analisam também ocorrências da variante *existir*, porém não vamos nos ater aos dados relativos a essa variante por não ser o foco deste trabalho.

O *corpus* selecionado para o trabalho veio do “projeto Mineirês” que possui 93 entrevistas, com falantes de seis cidades mineiras: Belo Horizonte, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte.

O *corpus* se divide em condicionadores externos como: *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Já os fatores linguísticos selecionados são: *marcação de concordância*; *presença ou ausência de advérbio de negação*; *presença ou ausência de marcador temporal*; *presença ou ausência de modalizador*; *caracterização do tempo verbal*; *animacidade do complemento verbal* ([+ humano] ou [-humano]) e *especificidade do complemento verbal* ([+ genérico] ou [-genérico]).

Os autores encontraram 1368 dados, sendo 1331 (97,3%) do verbo *ter* e 37 (2,7%) do verbo *haver*, o que sugere a hegemonia do uso do verbo *ter*, como podemos ver no gráfico a seguir.

Gráfico 2: A variação dos verbos *ter* e *haver* em Minas Gerais



Levando em conta a variável sexo, o percentual mostra preferência para a forma *ter* em ambas as variantes : 96,9% entre as mulheres e 97,1% para os homens. No fator *idade*, os autores observam resultados parecidos com outros trabalhos desta pesquisa, que veremos mais adiante: quanto maior a idade do grupo, maior ocorrência do verbo *haver*, como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 7: Variação de *ter* e *haver* pelo fator *faixa etária* em Minas Gerais

Idade	<i>Haver</i>		<i>Ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
Grupo 1 (0 a 15 anos)	2	0,47%	420	99,53%
Grupo 2 (15 a 30 anos)	18	3,84%	450	96,16%
Grupo 3 (30 a 45 anos)	0	0	108	100%
Grupo 4 (45 a 100 anos)	17	4,6%	353	95,4%
Total	37		1.331	

Como podemos observar na tabela 7 acima, as ocorrências do verbo *ter* no primeiro grupo, chegam a quase 100% com 99,53% e até chegam a 100% no grupo 3, que é a faixa etária de 30 a 45 anos. Já no grupo 4, o percentual de *haver* é um pouco mais significativo

com 4,6%, porém há uma predominância do verbo *ter* com 95,4% das ocorrências dos verbos existenciais.

Tabela 8: A variação de *ter* e *haver* pelo fator *escolaridade*

Escolaridade	<i>Haver</i>		<i>Ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
Grupo 1 - 0	0	0%	67	100%
Grupo 2 - 1º grau incompleto	17	5,58%	288	94,42%
Grupo 3 - 1º grau	0	0%	298	100%
Grupo 4 - 2º grau incompleto	1	0,42%	239	99,58%
Grupo 5 - 2º grau	6	4,08%	141	95,92%
Grupo 6 - 3º grau incompleto	6	5,51%	103	94,49%
Grupo 7 - 3º grau	7	3,46%	195	96,54%
Total	37		1.331	

Como podemos observar na tabela 8, o fator escolaridade comprova a hipótese da pesquisa, já que quanto maior a escolaridade, maior a ocorrência de *haver*: no primeiro grupo (sem escolaridade) não houve ocorrências do verbo *haver*; contra 100% do verbo *ter*. Já no 4º grupo (com 2º grau incompleto), esses números já mudam um pouco: a variante *ter* apresenta 99,6% ocorrências e o verbo *haver* já possui 0,4%. No último grupo (3º grau completo) as ocorrências de *haver* já ficam mais significativas com 3,46% e de *ter* com 96,54%. Mesmo com ocorrências da variante conservadora, a preferência dos falantes é a variante inovadora.

Passando para a análise dos fatores internos, em relação ao fator concordância, a marcação de plural no verbo *ter* em comparação com o verbo *haver*, ocorre com mais frequência: 96,6% e no verbo *haver* 3,4%. Já em sentenças sem a marcação de concordância, a realização de *haver* aumenta 14,84%, mas a do verbo *ter* continua sendo maior, com índice de 85,14%. Buscando compreender o que pode estar por trás dos índices de realização de concordância mais elevados com o verbo *ter*, os autores analisam que:

"De modo geral, constatamos que a tendência dos informantes do “mineirês” é a de não realizar a marcação de plural nos verbos que indicam noção de existência. Nessa direção, o que ocorre é uma regularização do paradigma da não concordância, e não o da concordância, como havíamos suposto inicialmente, já que o verbo *existir* tende a não concordar, assim como *ter* e *haver*. Entretanto, evidenciamos que o verbo *ter* é o que mais apresenta marca de plural e entendemos esse resultado como influência dos outros usos semânticos do verbo (como indicação de posse, por exemplo). (Ribeiro; Soares; Lacerda, 201. p.548)

O fator negação, é relevante para a análise do verbo *existir*, que não é o foco do nosso texto. Já tanto a ausência de marcador temporal quanto a presença mostram mais ocorrências do verbo *ter*, com 97,32% e 97,1%, respectivamente.

Nessa pesquisa, os dados de tempo verbal se comportam de forma similar ao esperado: a ocorrência da variante *haver* é maior nos tempos do passado, ainda que muito inferior a *ter*, enquanto no presente, a preferência é o verbo *ter* com 98,47% dos casos. Observando particularmente o pretérito perfeito, vemos que é neste tempo verbal em que *haver* alcança o maior percentual, resultados que vai ao encontro com o obtido por Callou e Avelar (2000).

Tabela 9: Variação do *ter* e *haver* pelo fator *tempo verbal* em Minas Gerais

Tempo Verbal	<i>Haver</i>		<i>Ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
Presente do indicativo	11	1,53%	710	98,47%
Pretérito perfeito do indicativo	13	14,14%	79	85,86%
Futuro do indicativo	0	0%	1	100%
Pretérito imperfeito do indicativo	8	1,58%	497	98,42%
Presente do subjuntivo	0	0%	0	0%
Imperfeito do subjuntivo	1	16,6%	5	84,4%
Futuro do subjuntivo	0	0%	2	100%
Infinitivo	2	4,8%	39	95,2%
Gerúndio	2	100%	0	0%
Total	37		1331	

Já no fator *animacidade do complemento*, o traço [- humano] parece favorecer as duas variantes, ao que os os autores atribuem ao fato de que tal fator não é dependente do verbo, mas está relacionado ao assunto da entrevista. Com relação ao fator *especificidade do complemento*, como vemos exemplos em (3) abaixo, o traço [- genérico] tem influência sobre os índices da variante *haver*, que chega a 3,95%, em contraponto com o traço [+ genérico] com 1,26% de ocorrências.

- (3) a. [...] então assim, eu sou mais variada assim, não tem uma coisa que eu fale disso que eu gosto [BH05]
b. [...] ela foi uma semana pra lá, lá era mais seguro né que na época aqui num tinha recurso [SJP21]

4.2 A Região Nordeste

4.2.1 Fortaleza

Araujo, Viana, Pereira (2019), seguindo a perspectiva sociolinguística variacionista, fazem uma análise de dados para observar as mudanças da fala culta de Fortaleza nas sentenças existenciais. Comparando seus resultados com pesquisas anteriores de Batista (2012), Martins e Callou (2003), Callou e Avelar (2000). As autoras levantam a hipótese de que o verbo *ter* tenha passado a apresentar mais ocorrências do que o *haver*, verbo prototipicamente existencial.

O *corpus* selecionado para a análise foi composto por 18 informantes extraídos do banco de dados PORCUFORT. Todos são fortalezenses natos, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino e divididos em tres faixas etárias: a primeira de 22 a 35 anos; a segunda de 36 a 50 anos e a terceira com 51 em diante.

Os grupos de fatores linguísticos selecionados foram: *traço semântico do sintagma nominal* complemento do verbo ([+humano], [-humano]); *presença versus ausência de elementos à esquerda do verbo*; *posição do SN em relação ao verbo*; *peso do SN* (SN simples, SN complexo, entre outros); *forma verbal*; *repetição do verbo no mesmo enunciado e concordância entre o verbo e o SN*.

No total as autoras encontraram 692 dados sendo 81% (562) de *ter* e somente 16,9% (130) de *haver*, ao comparar com estudos anteriores percebe-se uma diminuição no uso do verbo *haver*, comprovando a hipótese das autoras.

Quadro 1: Ocorrências do verbo *haver* em diferentes pesquisas

Autor	Porcentagem de ocorrência do verbo <i>haver</i>
Araujo, Pereira (2019)	16,9%
Batista (2012)	25%
Martins e Callou (2003)	25%
Callou e Avelar (2000)	31%

Em cada grupo de fatores, percebemos um ou mais elementos que favorecem a ocorrência do verbo *haver* ou *ter*. Para as *formas verbais*, os tempos do passado apresentam mais ocorrências do verbo *haver*: no pretérito perfeito do indicativo 79,4%. Já no pretérito imperfeito do subjuntivo, vemos um equilíbrio nos dados com 50% para ambas as formas, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 10: Variação do verbo *ter* e *haver* pelo fator *tempo verbal* em Fortaleza

Tempo Verbal	<i>Haver</i>		<i>Ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
Pretérito perfeito do indicativo	27	79,4%	7	20,6%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	3	50%	3	50%
Gerúndio	3	33,3%	6	66,7%
Infinitivo	10	22,2%	35	77,8%
Futuro do subjuntivo	2	18,2%	9	81,8%
Presente do indicativo	73	16,7%	364	83,3%
Pretérito imperfeito do indicativo	12	8,5%	129	91,5%

O verbo *ter* é favorecido em todos os outros tempos verbais, chegando a 83,3% no presente e 91,5% pretérito imperfeito do indicativo.

Já no fator *traço semântico do sintagma nominal* complemento do verbo, ilustrado nos exemplos em (4), o verbo *ter* possui mais ocorrências: para o traço [-humano] 76,7% e para o traço [+humano] 96%. Como podemos observar na tabela 11 abaixo:

Tabela 11: Variação do verbo *ter* e *haver* pelo *traço semântico do sintagma nominal*

Fatores	<i>Haver</i>		<i>ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
[-humano]	124/532	23,3%	408/532	76,7%
[+humano]	6/151	4,0%	145/151	96%

- (4) a. [...] ele passa dentro da cidade...já **houve** acidente dentro de cidade que...
[PORCUFORT, D2, 45]
- b. [...] por outro lado **há** os conservadores... que são aqueles... [PORCUFORT, D2, 33]

Como esperado, o número de ocorrências da forma verbal *ter* é maior em todas as faixas etárias, porém, a faixa etária a partir dos 50 é a que apresenta maior incidência de *haver* (26%), e a faixa etária de 15 a 25 anos a menor. O que nos dá indícios de uma mudança em curso.

Para o fator *sexo*, os resultados mostram mais ocorrências da variante *ter*, mas as autoras observam que o sexo feminino privilegia o uso do *haver* (21,9%) do que o sexo masculino (15,5%). De acordo com as autoras, com base em Martins e Callou (2003), as mulheres tendem a aderir com maior facilidade às variantes inovadoras, o que não está contemplado no resultado obtido através da análise de dados.

4.2.2 Maceió

Vitório (2011) analisa a alternância entre os verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais na fala maceiocense, com a hipótese de que a variante inovadora *ter* terá mais ocorrências do que a conservadora *haver*. Foram selecionados 20 informantes do sexo feminino nascidas em Maceió, pertencentes a dois níveis de escolaridade diferentes: 10 informantes até a 4ª série do ensino fundamental ou analfabeta (E1) e 10 informantes com ensino superior (E2).

Os fatores linguísticos que influenciam a variante inovadora são: *tempo verbal*, *animacidade do SN objeto*, *natureza do SN objeto* e *escolaridade*.

Foram analisadas 209 sentenças existenciais com os verbos *ter* e *haver*; somente os fatores *tempo verbal* e *escolaridade* foram apontados como significativos estatisticamente pelo programa pacote de GOLDVARB X, instrumento utilizado para promover a análise estatística.

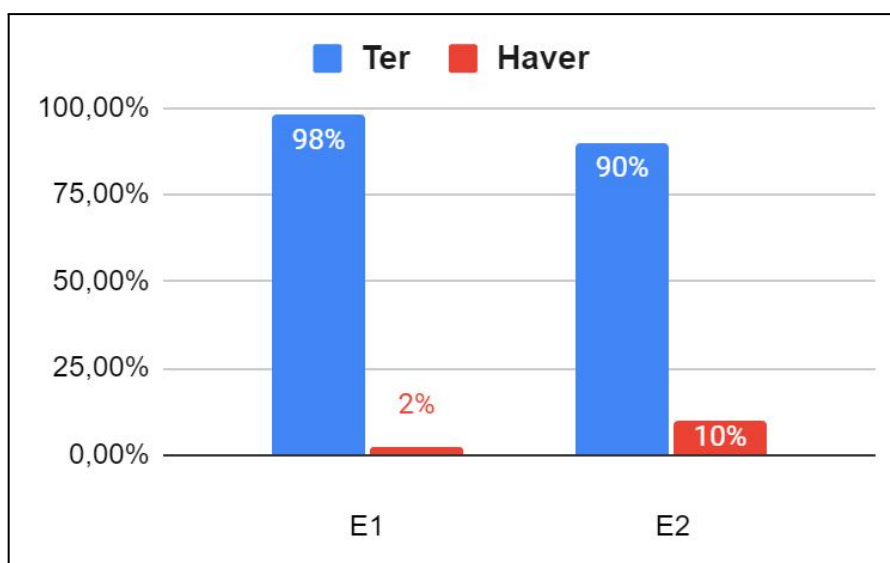
Dos 209 dados apresentados, 195 são sentenças com a variante inovadora *ter* e 14 com a variante conservadora *haver*.

Tabela 12: Variação de *ter* e *haver* existencial em Maceió

Variantes	Ocorrências	Percentuais
<i>Ter</i> Existencial	195	93%
<i>Haver</i> Existencial	14	7%
Total	209	100%

A *escolaridade* é um dos fatores de destaque na pesquisa, já que os dados mostram que quanto maior o nível de escolaridade, mais ocorrências do verbo *haver*, conseqüentemente menos do verbo *ter*, como podemos ver no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3: A variação dos verbos *ter* e *haver* pelo fator *escolaridade*



Para a escolaridade E1 (até a 4ª série do Ensino fundamental ou analfabeto), as ocorrências da variante inovadora são de 98%, ao passo que para E2 (Ensino superior completo) são 90%. Já a variante conservadora aparece em 2% para E1 e em 10% para E2. Vitório conclui:

Embora o percentual da variante inovadora, para os dois níveis de escolarização, seja bastante alto, percebemos que são as falantes mais escolarizadas que mais aplicam a variante *haver* existencial, indicando que maior a escolaridade, maior é o percentual de *haver*.
(VITÓRIO, 2011. p. 80-81)

O *tempo verbal* também foi uma variante importante na análise de Vitório (2011). Para uma análise mais concisa, ela dividiu os dados nos tempos presente e passado. No presente, o *ter* existencial aparece em 97% das sentenças enquanto o verbo *haver* aparece somente em 3%. O *ter* existencial aparece em 89% das sentenças no passado enquanto o *haver* aparece 11%.

Tabela 13: variação do verbo *ter* e *haver* pelo fator *tempo verbal* em Maceió

Tempo Verbal	<i>Haver</i>		<i>Ter</i>	
	Nº	%	Nº	%
Passado	11/102	11%	91/102	89%
Presente	3/107	3%	104/107	97%

A autora ressalta que o percentual de *haver* é maior no tempo do passado, com uma diferença de 8%, e conclui que o tempo presente é mais favorável à variável inovadora enquanto o passado tende a diminuir o uso dessa variável.

Os dados da pesquisa confirmam a hipótese de Vitório, apontando que o *ter* e *haver* estão em variação, já que os percentuais de *ter* existencial são maiores.

4.2.3 Sergipe

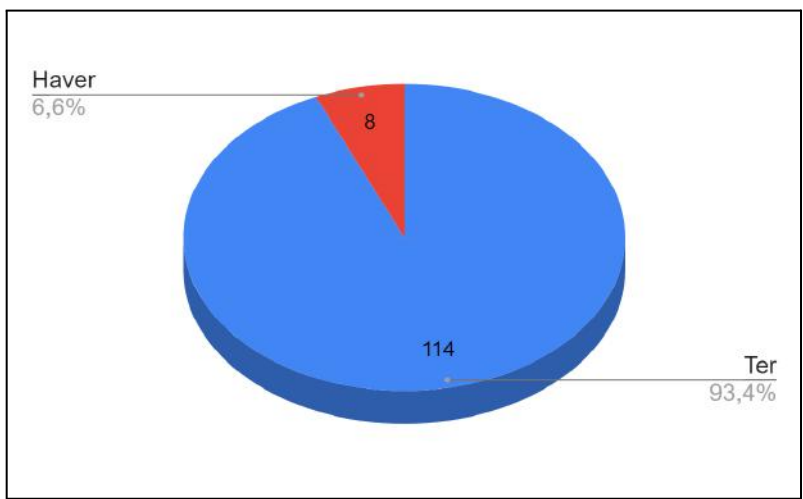
Aragão (2020) investiga a variação de *ter* e *haver* em contextos existenciais a fim de comprovar como esse fenômeno ocorre, o que influencia, e qual a variante é usada com mais frequência pelo povoado de Faixa em Canindé - SE.

O *corpus* foi uma coleta de dados da fala de moradores do povoado Faixa em Canindé de São Francisco no Sergipe e separado em duas categorias: gênero (feminino e masculino) e duas faixas etárias: de 20 a 40 anos e a partir de 40. Foi utilizado o programa GOLDVARB X para a análise de dados.

Os fatores linguísticos selecionados pela autora foram: *tempo verbal* (passado e presente) *natureza do SN Objeto* (concreto e abstrato), *sexo* (feminino e masculino) e *faixa etária* (de 20 a 40 anos e a partir de 40).

Foram analisadas 122 ocorrências, sendo 114 (93,4%) de sentenças com *ter* e 8 (6,6%) de sentenças com *haver*. Dessa forma, Aragão atesta que não só há variação entre *ter* e *haver*, mas também que as ocorrências de *ter* são maiores, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 4: Variação entre os verbos *ter* e *haver* em Sergipe



Para o *tempo verbal*, os resultados mostram que, no passado, o *ter* existencial aparece em 29 sentenças enquanto o *haver* apresenta somente uma sentença. O presente segue a mesma tendência com 85 dados para o *ter* existencial e 7 dados com o *haver* existencial, como mostra a tabela:

Tabela 14: Variação do *ter* e *haver* pelo fator *tempo verbal*

Variante:	Passado		Presente	
	Nº	%	Nº	%

<i>Ter</i> Existencial	29	96,7%	85	92,4%
<i>Haver</i> Existencial	1	3,3%	7	7,6%
Total:	30	100%	92	100%

No fator *natureza do SN objeto*, o *ter* existencial aparece em mais sentenças que o *haver*, tanto no SN objeto abstrato quanto do SN objeto concreto, como já era esperado. Esse resultado pode ser observado na tabela 15 abaixo:

Tabela 15: variação do *ter* e *haver* no fator *natureza do SN objeto*

Natureza do SN objeto	<i>Ter</i>		<i>Haver</i>	
	Nº	%	Nº	%
Concreto	91/97	93,8%	6/97	6,2%
Abstrato	23/25	92,0%	2/25	8,0%

Os dados na tabela mostram que o objeto abstrato o verbo *ter* possui 92 % das ocorrências e o verbo *haver* 8%, e o concreto com 93,8% de *ter* e 6,2% de *haver*.

Já no fator *gênero*, em ambas categorias (feminino e masculino), o verbo *ter* teve mais ocorrências: 93,9% no feminino e 92,5% no masculino enquanto o *haver* teve somente 6,1% no feminino e 7,5% no masculino.

Para o fator *faixa etária*, os resultados mostram uma preferência pelo *ter* existencial nas duas faixas etárias observadas, sendo 89,2% na faixa de 20- 40 anos e, na faixa a partir de 40 anos, 98,2%. Já para as sentenças com *haver* existencial, obteve-se 10,8% para a primeira faixa etária e 1,8% para a segunda, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 16: variação de *ter* e *haver* pela faixa etária em sergipe

Faixa etária	<i>Ter</i>		<i>Haver</i>	
	Nº	%	Nº	%
de 20 - 40 anos	58/65	89,2%	7/65	10,8%
+ 41 anos	56/57	98,2%	1/57	1,8%

Por meio desses dados, Aragão comprova que o verbo *haver* tem perdido espaço para o *ter* nas sentenças existenciais, como proposto na sua hipótese, indicando que há uma mudança em curso.

5. Análise dos resultados

Ao observarmos os resultados dos trabalhos selecionados para o estudo, conseguimos notar que todos indicam uma mesma direção: a substituição de *haver* por *ter* na fala tanto culta quanto popular no português do Brasil. No quadro abaixo, observamos os índices de cada variante por região. Ainda que não seja possível uma comparação entre os percentuais de maneira direta, já que, estatisticamente, foram calculados sobre totais absolutos inequivalentes, é possível perceber que, em todas as variedades observadas nos estudos, os percentuais de *ter* superam amplamente os de *haver*.

Quadro 2: Variação do *ter* e *haver* por regiões

Região	<i>Ter</i>	<i>Haver</i>
Rio de Janeiro	76%	24%
São Paulo	97,8%	2,2%
Minas Gerais	97,2%	2,8%
Fortaleza	81%	19%
Maceió	93%	7%
Sergipe	93,4%	6,6%

Outro ponto que ainda deve ser considerado na comparação entre os resultados é o fato de que o trabalho que serve como ponto de partida, o de Callou e Avelar (2000), versa sobre, na amostra mais recente, a fala culta carioca dos anos 90, enquanto que os demais trabalhos se debruçam sobre amostras ainda mais atuais, o que parece justificar os índices ainda maiores de *ter* existencial nessas variedades.

O *tempo verbal* foi um fator comum em todas as pesquisas e podemos observar que os resultados apontam, mais uma vez, para uma mesma direção: o alto percentual do uso do *ter* em todos os tempos verbais analisados, consolidando sua hegemonia. Para o presente, os percentuais variam de 83,3% (dado de Fortaleza) até 98,9% em São Paulo. Nos tempos do

passado, o verbo *haver* apresenta percentuais baixos, como se esperava, porém mais altos do que no presente, indo em consonância com uma das hipóteses de Callou e Avelar (2000) de que este verbo pode estar se tornando um verbo típico de narração.

O fator *faixa etária*, mesmo não aparecendo em alguns estudos selecionados, como São Paulo e Maceió, mostram que, ainda que em porcentagens baixas, o uso do verbo *haver*, resiste quanto maior a idade do falante.

Não contemplado por muitos trabalhos, o fator *escolaridade* apresenta resultados significativos. As pesquisas de Minas Gerais e Maceió mostram que a escola contribui para a permanência da variante *haver*; já que quanto maior a escolaridade do falante, maior a ocorrência de *haver* nas sentenças existenciais.

Verificando esses resultados não somente no sudeste, mas também nos estados do nordeste podemos sugerir que o fenômeno da substituição de *haver* por *ter* na representação da existência não está restrito a essa ou aquela variedade, mas parece ser de fato uma mudança sistêmica.

Além disso, é importante notar que, embora os trabalhos contemplem diferentes grupos de fatores, a *faixa etária* e o *grau de escolaridade* são fatores fundamentais para entender essa mudança, já que *haver* ainda resiste timidamente entre os mais velhos e entre os mais escolarizados. Isso sugere duas possibilidades: (a) *haver* estaria saindo do sistema do PB, o que não parece ser o caso; e (b) *haver* pode encontrar um outro nicho dentro do PB, de algum modo se especializando e, com isso, permanecendo no PB com índices baixos.

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo comparar os resultados de estudos sobre a mudança linguística das sentenças existenciais na substituição entre os verbos *haver* e *ter*, para entender como esse fenômeno se comporta em diferentes variedades do PB. A hipótese que orientou o trabalho era a de que o fenômeno em análise não apresentaria diferenças significantes em diferentes variedades, já que parece se tratar de uma mudança no sistema do PB.

O objetivo foi fazer um mapeamento completo do fenômeno em todas as regiões brasileiras, porém não foram encontrados estudos de cunho variacionista nos estados do sul, norte e centro-oeste, restringindo nosso trabalho aos estados do sudeste e nordeste, com 3 estudos de cidades diferentes para cada região.

Tomando como ponto de partida a pesquisa de Callou e Avelar (2000) e seus resultados, comparamos os resultados de outras regiões levando em consideração principalmente os grupos de fatores em comum: *tempo verbal*, *faixa etária* e *gênero*. Dessa forma, comprovamos a hipótese que parece ser uma mudança sistêmica, e não estar restrito a variedades circunscritas geograficamente. Todos os estudos foram categóricos em demonstrar que a mudança em curso apontada por Callou e Avelar (2000) também se verifica nos *corpora* em análise.

É fundamental a percepção de que a nossa pesquisa não se encerra por aqui, uma vez que o nosso intuito era fazer um levantamento preliminar para verificar o *estado da arte*. Isso nos leva a propor para trabalhos posteriores desenvolver novos estudos mapeando o comportamento do fenômeno nas capitais de cada estado do Brasil, comparando seus resultados, buscando compreender quais são as propriedades particulares que individualizam as diferentes variedades do PB e quais são aquelas que as unem, na direção de uma mudança sistêmica.

7. Referências

- ARAGÃO, Aucilane Santos. **A variação dos verbos ter e haver em construções existenciais na fala dos moradores do povoado “Faixa” em Canindé de São Francisco – SE**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. In **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.
- DE ARAÚJO, Aluiza Alves; DE MACEDO VIANA, Rakel Beserra; DE SOUSA PEREIRA, Maria Lidianne. A variação dos verbos existenciais haver e ter em amostra do falar culto de Fortaleza-CE. In **Revista Confluência**, p. 250-275, 2019.
- DE OLIVEIRA, Carolina Sartori. A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense: uma análise dos grupos de fatores relevantes. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 1978. v. 43, n. 01, p. 515-528, 2014.
- RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; SOARES, Mariana Schuchter; DA CUNHA LACERDA, Patrícia Amaral. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos ter, haver e existir. **Signótica**, v. 25, n. 2, p. 533-559, 2013.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A alternância ter/haver existenciais na fala maceioense. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 14, 2013.